

DIÁSPORAS, ARTES E CONHECIMENTOS: FORMAÇÃO DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO ESCOLAR KILOMBOLA¹ PARA PROFESSORAS/ES-ARTISTAS

Wagner Leite Viana²

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Plásticas, Belo Horizonte, MG, Brasil

Janaina Barros Silva Viana³

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Plásticas, Belo Horizonte, MG, Brasil

Gilberto Amancio de Almeida⁴

Universidade Federal de Minas Gerais - Curso de Teatro do Departamento de Artes Cênicas - Belo Horizonte - Minas Gerais

Gilmara Silva Souza⁵

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa Ações Afirmativas, Belo Horizonte, MG, Brasil

¹ Apesar de que a grafia da palavra “quilombo”, em alguns momentos, utilizamos o uso comum no português brasileiro, como aparece nos documentos e legislações educacionais, optamos na maior parte do texto pela grafia “kilombo” que considera ser uma palavra de origem bantu, cujo grupo de línguas não utilizam a letra “Q”. Ver a pesquisa de Tata Koneji do Inzo Tumbansi Tua Nzambi Ngana Kavungu. Comunidade Tradicional de Matriz Centro Africana em Itapeirica da Serra. SP <<https://inzotumbansi.org/nkanda-dicionario/>>

² Artista. Doutor em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Práticas de Educação e processos artísticos, Educação para as relações étnico-raciais e Educação ambiental. E-mail: wagnerleiteviana@ufmg.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8591-4601> | LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5359621356822689>

³ Artista visual. Doutorado em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta na Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve pesquisa sobre arte contemporânea brasileira de autoria negra. E-mail: jbarrossilvaviana@gmail.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7551-7758> | LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2867433500004123>

⁴ É músico, ator, e pesquisador. Doutor por Notório Saber e professor do curso de Teatro da UFMG, criou a Cia SeráQue? e o Coletivo Black Horizonte, e o FAN – Festival de Arte Negra de Belo Horizonte. Suas obras são marcadas pela experimentação sonora, visual e corporal, habita hoje o Ciberterreiro, espaço de criação de arte negra. E-mail: gil.amancio@gmail.com | LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4630131912095617>

⁵ Pedagoga e Mestre em Educação - FaE/UFMG. Professora no curso Psicopedagogia - Lato Sensu PUC Minas. Pesquisadora integrante dos programas Ações Afirmativas na UFMG, Territórios, Educação Integral e Cidadania - TEIA UFMG. Desenvolve estudos e formações pedagógicas com docentes e discentes sobre políticas educacionais e humanidades, observando a diversidade étnico-racial, tematizando relações de poder, de gênero e territórios. E-mail: profagilmarasouza@gmail.com | LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3269538988456141>

Evandro Passos⁶

*Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Departamento de Dança,
Salvador, BA, Brasil*

RESUMO

Apresentamos o percurso formativo do módulo *Diásporas, Performatividades e Conhecimentos Quilombolas*, no curso de formação docente *Afirmando Direitos: Educação Escolar Quilombola*, ofertado a profissionais da educação e membros de comunidades quilombolas nas regiões de Belo Horizonte, Montes Claros e Paracatu (MG), pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2018. Discutimos os quilombos na perspectiva da produção e transmissão de conhecimentos (intergeracional, performatividade política no cotidiano e no tempo da festa) a partir da prática pedagógica formal, informal e não formal dos cursistas na atuação em suas respectivas comunidades. Neste sentido, de que forma é possível construir um debate para uma perspectiva da contracolônização dos currículos, da gestão e de toda arquitetura escolar expressa nas maneiras de organização dos corpos, dos tempos e dos espaços de aprendizagem? Simetricamente, como pensar coletivamente nas práticas educativas cotidianas um caminho das artes como conhecimento em contraposição à visão colonizadora dos saberes científicos e escolarizados em relação às dinâmicas de educação nas comunidades? Atuamos, neste módulo do curso, como professores/artistas onde o percurso metodológico deu-se por meio do canto, da brincadeira, da poesia, da dança, da oralidade da palavra enquanto som, imagem e narrativa objetivando uma pedagogia da convivência como um lugar de encontro e troca de saberes.

Palavras-Chave: Arte afrodiaspórica; Professor-Artista; Educação contracolônial; Saber e Território; Educação Para Relações Étnico-raciais

DIÁSPORAS, ARTES Y CONOCIMIENTOS: FORMACIÓN DOCENTE EN LA ESCUELA DE KILOMBOLA EDUCACIÓN PARA PROFESORES/ARTISTAS

RESUMEN

Presentamos el itinerario formativo del módulo *Diásporas Quilombolas, Performatividades y Saberes* en el curso de formación docente *Afirmando Derechos: Educación Escolar Quilombolas*, ofrecido a profesionales de la educación y miembros de comunidades quilombolas en las regiones de Belo Horizonte, Montes Claros y Paracatu (MG), por la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Minas Gerais, en 2018. Discutimos los quilombos desde la perspectiva de la producción y transmisión de conocimientos (intergeneracional, performatividad política en la vida cotidiana y durante la

⁶ Doutorando em Dança pela UFBA. Mestre em Artes Cênicas pela Unesp. Pós-graduado em estudos afro-brasileiros pela PUC/Minas. Graduado em Comunicação Social pela UFMG. Bolsista FORD 2009. Pesquisador em Danças de Matrizes Africanas e Afro-brasileiras. E-mail: culturageracultura@yahoo.com.br | LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0393506583811233>

fiesta) basado en la práctica pedagógica formal, informal y no formal de los participantes del curso en sus respectivas comunidades. En este sentido, ¿cómo es posible construir un debate hacia una perspectiva de contracolonización de los currículos, la gestión y toda la arquitectura escolar expresada en las formas en que se organizan los cuerpos, los tiempos y los espacios de aprendizaje? Simétricamente, ¿cómo podemos pensar colectivamente en un camino de las artes como conocimiento en las prácticas educativas cotidianas en contraposición a la visión colonizadora del conocimiento científico y escolar en relación con la dinámica de la educación en las comunidades? En este módulo del curso actuamos como docentes/artistas donde el recorrido metodológico se dio a través del canto, el juego, la poesía, la danza, la oralidad de la palabra como sonido, imagen y narrativa apuntando a una pedagogía de la convivencia como lugar de encuentro e intercambio de saberes.

Palabras clave: arte afrodiaspórico; Profesor-Artista; Educación contracolonial; Conocimiento y Territorio; Educación para las relaciones étnico-raciales

DIASPORAS, ARTS ET CONNAISSANCES : FORMATION PÉDAGOGIQUE À L'ÉCOLE DE KILOMBOLA ÉDUCATION POUR ENSEIGNANTS/ARTISTES

RÉSUMÉ

Nous présentons le parcours de formation des Diasporas Quilombola, module Performativités et Connaissances dans le cours de formation d'enseignant Affirming Rights: Quilombola School Education, offert aux professionnels de l'éducation et aux membres des communautés quilombola des régions de Belo Horizonte, Montes Claros et Paracatu (MG), par la Faculté d'Éducation de l'Université Fédérale de Minas Gerais, en 2018. Nous discutons des quilombos du point de vue de la production et de la transmission des connaissances (performativité intergénérationnelle et politique dans le vie quotidienne et pendant la fête) basé sur la pratique pédagogique formelle, informelle et non formelle des participants au cours dans leurs communautés respectives. En ce sens, comment construire un débat vers une perspective de contre-colonisation des programmes, de la gestion et de toute l'architecture scolaire exprimée dans les manières dont s'organisent les corps, les temps et les espaces d'apprentissage ? Symétriquement, comment penser collectivement une voie des arts comme savoir dans les pratiques éducatives quotidiennes par opposition à la vision colonisatrice des savoirs scientifiques et scolaires en relation avec la dynamique de l'éducation dans les communautés ? Dans ce module de cours, nous agissons en tant qu'enseignants/artistes où le parcours méthodologique s'est déroulé à travers le chant, le jeu, la poésie, la danse, l'oralité de la parole comme son, image et récit visant une pédagogie de la coexistence comme lieu de rencontre et d'échange de connaissances.

Mots-clés: art afrodiasporique ; Enseignant-Artiste ; Éducation contre-coloniale ; Connaissance et territoire ; Éducation aux relations ethniques et raciales

DIASPORAS, ARTS AND KNOWLEDGE: TEACHER TRAINING IN KILOMBOLA SCHOOL EDUCATION FOR TEACHERS/ARTISTS

SUMMARY

We present the training path of the module Diasporas, Performativities and Quilombola Knowledge in the teacher training course Affirming Rights: Quilombola School Education, offered to education professionals and members of quilombola communities in the regions of Belo Horizonte, Montes Claros and Paracatu (MG), by the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais, in 2018. We discuss the quilombos from the perspective of the production and transmission of knowledge (intergenerational, political performativity in everyday life and at the time of celebration) based on the formal, informal and non-formal pedagogical practice of the course participants in their respective communities. In this sense, how is it possible to build a debate from a perspective of the counter-colonization of curricula, management and the entire school architecture expressed in the ways of organizing bodies, times and learning spaces? Symmetrically, how can we collectively think about everyday educational practices as a path of arts as knowledge in contrast to the colonizing vision of scientific and school knowledge in relation to the dynamics of education in communities? In this module of the course, we act as teachers/artists where the methodological path took place through singing, playing, poetry, dance, the orality of the word as sound, image and narrative, aiming at a pedagogy of coexistence as a place of meeting and exchange of knowledge.

Keywords: Afrodiasporic art; Teacher-Artist; Counter-colonial education; Knowledge and Territory; Education for Ethnic-racial Relations

APRESENTAÇÃO: SOBRE A PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA E A FORMAÇÃO DE DOCÊNCIA

Neste artigo trazemos reflexões sobre a arte a partir da vida. Comunicamos aqui diálogos que versaram com as vidas que pulsam do território quilombola cultivando alimentos que nutrem o corpo físico e imaterial da comunidade no cotidiano e nas festas, e aquelas que administram e organizam a produção de novos conhecimentos sobre arte, política e economia nas escolas e instituições que trabalham junto a quilombolas em contextos do campo, urbanos e rururbanos em Minas Gerais. Apresentamos os elementos que compuseram nosso percurso formativo, os referenciais e estratégias metodológicas, bem como, os questionamentos e provocações acerca do que é *ser artista afro-diaspórico em conexão com a Educação*. Esse texto foi

construído coletivamente, a partir dos diálogos entre educação para relações étnico-raciais, com as artes do corpo na Dança, as artes do som/movimento e o brincar, as performances ativistas e performances nas artes visuais para a produção de percursos formativos sobre arte, educação e conhecimentos quilombolas. O módulo *Diásporas, Performatividades e Conhecimentos Quilombolas* compôs o “Curso de Aperfeiçoamento em Educação Escolar Quilombola - Afirmando Direitos”, ofertado pelo Programa Ações Afirmativas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, durante o ano 2018, para membros de comunidades quilombolas e profissionais da Educação que atuam nesses territórios, nas regiões de Belo Horizonte, Montes Claros e Paracatu.

A ideia do módulo *Diásporas, Performatividades e Conhecimentos Quilombolas*, formulada por professores/as artistas buscava ouvir e reverberar a polifonia das vozes, das diferentes performances artísticas afrodiaspóricas tradicionalmente atualizadas pelas comunidades. Simetricamente, tínhamos como proposição, neste diálogo formativo, inspirar docentes e demais profissionais da Educação na construção de projetos políticos pedagógicos, currículos e processos pedagógicos que não contribuam para o apagamento da história, das artes, e dos conhecimentos sobre a saúde, a agricultura, economia, a arquitetura, a política e demais tecnologias produzidas nesses territórios a partir de seus conhecimentos ancestrais. Nesse sentido, a arte afrodiaspórica não é um mero artifício, ou uma atividade restrita ao campo estético, ela é um elemento vital na ativação das forças cósmicas, sociais e humanas que possibilitam às pessoas o exercício da criação e de construção de uma sociedade mais humana, polirrítmica, polidimensional, policêntrica e contra hegemônica.

Durante o curso cada um de nós atuou no seu campo artístico, mas trazendo o tema da escrita a partir da perspectiva da letra e da treta⁷ como

⁷ De acordo com a combinação feita pelo artista Wagner Leite Viana em sua tese de doutorado TIPOTETRALETRA: sobre arapucas, pesquisa, mukambus ou suportes, estas palavras estão presentes num sentença de tradição negra "o branco faz letra, o preto faz treta" que se refere ao acesso à educação e a resposta que a população negra deve empreender. A treta como luta, mas também como estratégia, artimanha, estratagema e método. A letra se justifica numa

formas de ler o mundo. Nesse sentido, os encontros formativos se alternavam entre momentos que aconteciam numa sala e momentos em que ocupávamos a rua, onde foram feitos exercícios que instigaram a participação de cursistas e do público que fora atraído a partir do uso de linguagens artísticas no plano das teatralidades, gestualidades-corpografias, musicalidades, visualidades.

Para tanto buscamos refletir sobre os processos pedagógicos e metodológicos que acontecem nas escolas e nos quilombos, de forma a pensar as relações entre artes e modos de aprender e as epistemologias artísticas das comunidades afro-indígenas em contextos diaspóricos. Durante os encontros, por meio da experimentação em diferentes práticas artísticas, uma questão importante que emergiu das conversas após a leitura destes processos vivenciados entre os diferentes grupos, era sobre a necessidade de mudança do paradigma conteudista dos currículos oficiais e hegemônicos. Quando pensamos nas relações entre as artes e os modos de aprender, discutimos uma pedagogia da convivência. Dessa maneira, uma convivência entendida a partir de sua complexidade em seu sentido mais amplo. Pois, refere-se a uma pedagogia onde os caminhos epistemológicos mobilizam as instâncias da criação, da experimentação, das referências individuais e coletivas em performatividades corporais. Pensar as relações entre as artes e os modos de aprender na perspectiva da convivência é construir processos comunitários de criação, invenção e trocas de conhecimentos que acontecem imersos num ambiente onde a dimensão artística conecta as relações sociais, econômicas, políticas, culturais e espirituais.

Assumimos durante as aulas os confrontos presentes na tensa convivência entre o conhecimento escolarizado e o conhecimento quilombola, de forma a explicitar concepções, como a falsa democracia racial e a pretensa

dupla abordagem como letramento (o desenho da letra, seu projeto visual) e como letramento (a prática social que produz o aprendizado da linguagem), neste caso também como letramento racial é a produção e entendimento dos códigos socialmente adquiridos e que mediam relações entre pessoas numa sociedade racialmente segmentada e hierarquizada. (VIANA, 2015)

universalização do conhecimento científico que esconde o racismo estrutural e institucional, o racismo ambiental e o epistemicídio.⁸

Sabemos que a arte negra é pouco estudada enquanto Arte. Grande parte do esforço científico e acadêmico sobre ela acontece pelo olhar da antropologia. A produção de Arte Negra é sempre questionada quanto à sua autoridade e legitimidade, afinal, o que é Arte? Tudo que é produzido com alguma intenção criativa? A quem interessa uma concepção estética que diferencia arte e artesanato, cultura popular e cultura erudita? Podemos nomear como arte tudo que é feito a partir do corpo negro? Precisamos falar do que nós produzimos a partir do nosso jeito de pensar a Arte, sobretudo a arte que pulsa a partir dos territórios quilombolas em diálogos com a Educação. Nesses espaços a arte se faz na expressão das experiências do território, ela transita e se expande pelas diversas linguagens do corpo em diálogo com as artes com as quais ela se conecta. É imperativo ampliar o conceito de arte. É muito significativo que um curso de formação docente problematize a ausência desses diálogos oportunizando encontros de forma propositiva e não prescritiva. Daí a importância desse percurso formativo ter sido elaborado por professores/as artistas. Trata-se aqui sobre as concepções de criatividade e criação.

Diante das histórias de criação do mundo elaboradas por povos africanos, no que tange a criação dos seres humanos dois aspectos são primordiais e sempre estão presentes: a Festa e o Tambor. O ser humano é criado a partir da Música e da Dança. Em uma história sobre a criação do mundo do povo Bakongo, Nzambiapungo pede aos Inquices que, na primeira

⁸ Diante o “processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio”. (Carneiro, Sueli. Trecho de entrevista apresentada no programa Espelho com Lázaro Ramos, 2007)

manhã do mundo, Nzazi toque o Tambor e os Inquices façam uma Festa, para ensinar a humanidade como tocar, dançar e cantar, pois afinal, seria egoísmo não compartilhar algo tão bom com os humanos. Numa comparação com a criação cósmica. A arte sustenta a criação. E as criaturas se auto sustentam por meio da arte.

Encruza
Lugar de escolhas
No presente o passado e o futuro
Duas pontas se tocam
O mais velho e o mais novo.
Palavras são lançadas neste centro do mundo
Lugar de Ntu – energia vital primordial. Axé
Corporificadas no MuNtu – energia vital individualizada. Uma pessoa.
Um mais velho aconselha sua comunidade. BaNtu – energia vital coletivizada.
Makota Valdina nos entregou no idioma primordial
“Nzambi walamba luku tongo beeto bantu”
Deus preparou o angu e a carne, nós, as pessoas.
Palavra dos bakongo sobre o mundo criado por Nzambi
Nós, as pessoas, colocadas neste mundo criado por Deus.
Criamos a comunidade, somos criados nela.
Autocriadores.
(Wagner Leite Viana, 2021)⁹

Aproveitamos esse convite que reuniu artistas/professores com essa diversidade de campos de atuação para fazermos juntos uma reflexão sobre a educação e suas performatividades envolvendo o canto, a brincadeira, a poesia, a dança, a oralidade da palavra enquanto som, imagem e narrativa. Os encontros foram espaços nos quais exercitamos a escuta, a criação e a provocação de formas a nos tirar do conforto. Foi um processo que experimentamos entre nós o que agora estamos transformando em um texto. É importante falar que esse processo ao mesmo tempo que tinha o objetivo de pensar a educação kilombola, foi para nós um processo de formação e criação, pois o conhecimento gerado em cada encontro foi muito importante para pensarmos individualmente as nossas trajetórias.

⁹ Poema realizado pelo autor Wagner Leite Viana por inspiração de diálogo realizado com Makota Valdina, autoridade do terreiro Nzo Onimboya de Salvador, quando de sua presença na UFMG no contexto da Formação Transversal em Saberes Tradicionais para a disciplina “Políticas da terra”, no segundo semestre de 2018.

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: PRIMEIROS APONTAMENTOS

Durante os encontros de preparação de nosso projeto político pedagógico e na dinâmica educativa com as/os cursistas foi muito importante termos vivenciado conversas com comunidades quilombolas, que discutem o lugar da cultura negra e dos quilombos na modernidade. Desse modo, possibilita mostrar a construção de um outro olhar, uma outra postura da escola para com as/os mestras/es das comunidades. Despertando e instigando nas/os professoras/es o desejo pela pesquisa e a construção de processos pedagógicos em conjunto com a comunidade. A convivência com as/os mestras/es, com as crianças nas festas e nas brincadeiras, nos mostra que o que mais se deve prezar, nos processos de formação, seja nos espaços de convivência da cultura negra, seja na cultura do brincar uma atitude dialógica e horizontal nas relações com o outro. Nesse sentido, as discussões nos levaram a entender a importância de docentes se colocarem de forma aberta para o encontro, no sentido de reconhecer que o outro tem muitos saberes para partilhar e estabelecer na sala de aula uma grafia coletiva.

Em nossa abordagem desenvolvemos propostas a partir da obra de artistas e mestres de saberes, para iniciar momentos de diálogos onde os temas e reflexões articularam vídeos, músicas e textos que tanto nós, como as pessoas participantes puderam trazer para cada encontro. Aproximar um pensamento sobre Arte olhando para a vida das pessoas instaurou a construção de um corpo presente na experiência da confluência de saberes: "O corpo é um produto da palavra e assim ele próprio é uma linguagem. E isso se evidencia particularmente na arte da escultura. Assim disse Bekombo Priso." (Lopes, Kitabu, p. 27, 2005).

Pedimos que as/os cursistas levassem para a sala suas referências culturais e artísticas e se apresentassem para nós e para a turma a partir de seus vínculos culturais com a comunidade. Nesse momento, também tivemos a oportunidade de ter na sala a presença de mestras e mestres de saberes, que

foram durante os encontros, falar sobre as histórias de suas famílias e de suas comunidades, espiritualidades e lutas políticas.

Essas ações provocaram uma reflexão sobre os processos de transmissão do conhecimento na escola e na comunidade. E, revelaram como a visão colonizadora da escola só reconhece essas pessoas como folclore, exótico, uma imagem do passado. Isso dificulta que a escola, na sua forma atual, reconheça no transe e na ginga a conexão cérebro–coração-umbigo. O corpo todo na sua parte visível e invisível. O corpo como campo de aprendizagem.

De acordo com as matriarcas e sacerdotisas do Kilombo Manzo, não existe uma educação específica para as comunidades kilombolas, sobretudo, as que estão em contexto urbano de Belo Horizonte.¹⁰ “Nós resistimos à educação que nos exclui e aprendemos, nós mesmos, a nos formar.” (Manzo, p.29, 2017) As legislações existentes são federais e não preveem punições para os estados e municípios que não a cumprem ou não as regulamentam de maneira adequada.

A escola era muito mais oca e lenta do que nós mesmos. [...] A educação, o mundo, o país, eles criam a gente, na verdade, é pra desconstruir tudo aquilo que trazemos como referência de ser humano. E tornam alguns de nós em máquinas, robôs, e outros eles tornam em escravo mesmo. Escravos dessas leis absurdas que eles criam, que, na verdade, é tirando o direito. Tirando o direito do outro de simplesmente viver. (Manzo, p.29, 2017)

Essa crítica está fundamentada nos anos de desprezo social que muitas famílias vizinhas ao Kilombo, também moradoras da Vila Cafezal, sempre

¹⁰ Essas discussões estão no livro que foi uma das referências para o desenvolvimento deste módulo. O livro *Manzo, ventos fortes de um kilombo* apresenta a história e a cultura do Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango (em bantu|Angola, significa a casa da força de lansã) pelas vozes de suas matriarcas Mametu N'kise Muiandê|Mãe Efigênia, Mãe criadora Kota Sessy Luanvi e Makota Cássia Kidoiale, pelas ilustrações de Pedro HBS (neto e filho das matriarcas) e em parceria com a UFMG, PRAE, Ações Afirmativas na UFMG. A proposta do texto é ousada e muito potente. A partir das transcrições das entrevistas realizadas com as matriarcas do kilombo, o texto foi escrito evidenciando a conversa, o jeito de conectar as histórias e as reflexões de cada uma. O jeito de ensinar e de aprender do Kilombo Manzo.

enfrentaram, e também nos efeitos que isso tem na formação das crianças que perdem sua identidade quando vão para escola. Makota Kidoiale, inclusive, além de ter sido escolhida por Pai Benedito para ser tradutora do kilombo para o mundo e vice-versa, só frequentou a escola até *aprender a ler e escrever*. “Então, toda a construção que a gente faz de identidade, de cultura, de preservação e de valorização com o outro, a escola trata como um todo, que é onde a gente perde, e perde muito.” (Manzo, p. 30, 2017)

ARTE, POLÍTICA E ESTÉTICA: PERCURSOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

No início de nossa jornada com as/os cursistas elaboramos um questionário para orientar as pessoas no mapeamento de algumas referências culturais e artísticas de suas comunidades, de suas escolas, e de seus repertórios pessoais, para então trazer essas referências culturais e artísticas para nossos encontros.

Questionário: Que manifestação cultural e/ou artística da sua comunidade ou escola você gostaria de apresentar no encontro, seja por meio de um vídeo, uma música ou um relato? Caso fale sobre um (a) artista, seria bom que você pensasse nas seguintes perguntas: O que ele faz? Ele toca algum instrumento, canta, dança, pinta, esculpe, faz cerâmica? Como aprendeu? Caso tenha aprendido sozinho, perguntar se tinha alguém na família que tocava, cantava...ou alguém na comunidade que ele admirava e que fazia o que ele faz. Se você escolher falar sobre uma manifestação cultural pense nas seguintes perguntas: Quando e onde ela acontece? Quanto tempo dura? Como ela é preparada? Quem participa? ¹¹

Para organizar o questionário elencamos cinco categorias: tempo, espaço/corpografia, alimentação, pedagogia e língua, que foram apresentadas para pensar a relação entre os processos de construção e transmissão do conhecimento na escola e no kilombo, e propor práticas educativas em diálogo com as práticas das comunidades e como estas propostas incidem sobre a escola. Como a proposta apresentada interfere na organização da escola e seu

¹¹Material pedagógico - plano de curso e plano de aula do Módulo “Diásporas, Performatividades e Conhecimentos Quilombolas”, Curso de Aperfeiçoamento Afirmando Direitos, Programa Ações Afirmativas na UFMG, Faculdade de Educação, 2018.

processo de escolarização? Qual impacto na escola? E na comunidade? Essa proposta contribui para a manutenção da vida da comunidade? Como considerar os espaços de aprendizagem e as dinâmicas de educação e convivência na comunidade e na escola?

Tempo - refletir sobre a organização do tempo da brincadeira na comunidade e o tempo da brincadeira na escola. O tempo da aprendizagem e o tempo da hora do relógio curricular das disciplinas na escola.

Espaço/corpografia - quais escritas o corpo inscreve no espaço da comunidade e no espaço da escola?

Pedagogia - conversar sobre os processos de transmissão do conhecimento na comunidade e na escola. Como se aprende a tocar tambor no reinado e como acontece a música na escola? Como se dá a organização das idades no processo de formação na capoeira e na organização da escola?

Língua - o uso da língua nos diferentes espaços. Como as pessoas falam e cantam nas manifestações culturais e como falam e cantam na escola? A convivência das pessoas com línguas africanas na comunidade e como isso é tratado na escola, como são tratadas as formas de articular o pensamento nas várias maneiras de falar a língua portuguesa?

Alimentação - Qual a relação com a comida, com a produção do alimento em cada um dos espaços? Como é a comida nas festas da comunidade, como é a merenda escolar?¹²

Refletindo sobre nossas experiências escolares, como estudantes e profissionais da educação, observamos como a escola pode sufocar a curiosidade, desprestigiar as habilidades artísticas, o desejo de se movimentar e alimentar o medo de questionar e se contrapor ao estabelecido. Nesse sentido, provocamos os professores e professoras para a importância da construção de uma prática educativa, de forma a se posicionarem enquanto pesquisadoras/es e criadoras/es para assumirem a tarefa de construir propostas pedagógicas fundadas na realidade de sua comunidade.

A partir dessas reflexões persistem as seguintes questões considerando o contexto escolar em relação às estruturas de organização política e incidência externas sobre a escola: As agendas de indicadores de qualidade e modelos de avaliação sistêmica configuram algum perigo à autonomia das instituições educacionais? Estes índices de avaliação se impõe como

¹² Material pedagógico do Módulo “Diásporas, Performatividades e Conhecimentos Quilombolas” (2018).

exigências e atuam como forças que impedem as instituições de assumirem sua responsabilidade de educar e de potencializar os valores que norteiam a vida nas comunidades onde estão localizadas? Como fortalecer o diálogo entre as comunidades quilombolas e as escolas para o enfrentamento de modelos de gestão e participação que estão à serviço do racismo institucional, onde atuam por meio da meritocracia e de indicadores externos de qualidade? Como construir experiências de gestão e participação escolar que favoreçam o enfrentamento das questões que impedem a autonomia das escolas e a criação de processos educativos que integrem escolas e comunidades?

Por meio da elaboração de experiências estéticas procuramos articular as noções de indivíduo, sujeito, pessoa, comunidade, coletividade, memória, arquivo, repertório, território e diáspora, acionando imagens dos legados afro-indígenas como temporalidades tensas entre a tradição e a atualidade, e que contribuem na reflexão sobre os processos de educação entre os saberes e as práticas quilombolas. Quais são os fundamentos que orientam cada um desses processos? Como é a relação com a imagem, com o som, com o movimento, com o corpo, em cada uma dessas pedagogias? Como é a relação desses projetos pedagógicos com o território físico e simbólico dos quilombos?

Nesse sentido, procuramos trabalhar sempre que possível de forma coletiva, propondo exercícios ora com grupos grandes, ora com grupos pequenos de forma a instigar a partilha do conhecimento e a criação coletiva. Essa foi uma escolha político-pedagógica amplamente discutida e experimentada por essa equipe de professoras/es artistas. Iniciamos os trabalhos na encruza de nossas experiências artísticas como professores artistas e da apresentação das/os cursistas e suas experiências pedagógicas que se relacionavam com arte e referências culturais das comunidades que dialogavam com o tema do módulo - *Diásporas, performatividades e conhecimentos quilombolas*. Este processo buscou favorecer a horizontalidade das compreensões entre nós e as/os participantes, dimensionando um lugar fundante na reflexão sobre as performatividades do conhecimento, relacionando o conhecimento estético mobilizado nas práticas de arte. O

conhecimento político presente nas práticas comunitárias e o conhecimento presente nas formas escolares institucionalizadas.

O próprio corpo é um território de contracolonização, desde as gestualidades e oralidades, que são reconstruídas entre o legado ancestral e a reinvenção. Sobretudo, optamos por este caminho, porque consideramos que o conhecimento apresentado numa cadeia hierárquica e assimétrica performatiza lugares de opressão que foram construídos num passado colonial e permanecem presentes no currículo escolar. Quando solicitávamos ao grupo, em diversos momentos, uma conversa que viesse pelo corpo, buscávamos problematizar o conhecimento de forma que os processos educativos ampliassem e enraizassem nossa capacidade de ser e estar no mundo.

Isso significa que existir, neste contexto, é criar estratégias políticas como forma de Arte, ou arte como forma política. Assim consideramos: a capoeira, o rap, o samba, os congados, os reinados, moçambiques, as formas religiosas na sua expressão dos altares familiares e práticas comunitárias, grupos de paneleiras, balaieiras, cozinhas comunitárias em ocasiões de festa... Performatizar o conhecimento significou construí-lo a partir de si. Ou seja, o autoconhecimento. E, por outro lado, o reconhecimento desses saberes que nos foram legados e que trazemos conosco:

“ - Eu me reconheço no outro!” É, neste terreno intersubjetivo e espaço comunitário que os saberes são performatizados como forma de contracolonizar às concepções de um saber universal e hegemônico

ENTRE A LETRA E A TRETA: UMA LEITURA METODOLÓGICA DA PALAVRA E DA SONORIDADE

Pensar a escrita afro-diaspórica na perspectiva da *letra e da treta* nos instiga a lançar mão do uso de linguagens artísticas no plano das teatralidades, gestualidades-corpografias, musicalidades e visualidades, o que nos possibilita ampliar as formas de ler o mundo. Essas escritas performativas evidenciam as implicações entre estética, política e educação e nos convida a repensar as

nossas relações com o tempo e com o espaço na organização de percursos formativos. Pois, os processos vividos a partir da arte evidenciam a tensão que é oculta na convivência entre o conhecimento escolarizado e o conhecimento quilombola.

Aqui gostaríamos de chamar a atenção para um elemento fundamental que são as línguas de matrizes africanas e indígenas presentes nesses territórios. Se queremos entender os conhecimentos ancestrais presentes nos quilombos é fundamental que comecemos a olhar com mais cuidado para essas línguas presentes nas festas, cantos, nas sentenças proverbiais, nos modos de pedir a benção, nos modos de nomear as plantas, nas práticas do cuidar do corpo e da alimentação.

Ao falar de conhecimentos ancestrais nos deparamos com a dificuldade de encontrar na língua portuguesa palavras que nos possibilitem aproximar da dimensão que tem o fazer musical nessas culturas. Por exemplo, o Rap, foi excluído como música porque explorava a melodia da fala e não a escala melódica tonal. Nomear como música o que se canta, o que se toca numa festa pode reduzir o que esse fazer representa, contribuindo para o apagamento no âmbito musical do que não participa das formas de nomeação baseadas nos parâmetros musicais hegemônicos. Essa mesma exclusão vamos encontrar nos falares considerados errados por articularem os elementos da sintaxe da língua portuguesa a partir do campo semântico das línguas originárias, por exemplo, o plural. Na língua portuguesa a construção do plural se dá a partir da flexão entre o artigo e o sujeito, mas se pensarmos a partir das línguas yorubanas, o indicativo do plural é o artigo:

“As mesa da festa tava linda!”

Solucionar um problema de língua observando o contexto da música é aceitar o imbricamento do corpo em sua potencialidade de criação. O limite da língua para acessar e compreender as culturas se dá na forma de nomear e denominar, onde o colonizador o faz para a separação e o aprisionamento.¹³

¹³ Sobre as guerras das denominações contracoloniais nas práticas da linguagem. Ver: SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 -

Enquanto, nós em nossa corporalidade afrodiásporica e afro-indígena, que se fundamentam em práticas contracoloniais, manifestamos a nossa expressão pessoal e coletiva, como tradução da expansão das multidimensionalidades. Ora no ato de contar, ora no ato de cantar todas as nossas histórias atualizadas entre diferentes tempos no agora. O corpo é um instrumento musical, compreendido em sua forma orgânica, viva, de um ser que se estrutura num tecer contínuo de relações de sons, movimentos, imagens e palavras. Na língua portuguesa a sintaxe da norma padrão não alcança as diversas cosmopercepções expressas nos falares dos territórios, que presentificam em seus fazeres a memória de outras formas de pensar a vida e as coisas. Esta expansão criativa dá-se na forma como a fala afro-indígena-brasileira recria falares movidos por outras imagens e referências que organizam o mundo. Quando conversamos com um mestre do tambor, ele nos diz, que não se faz música sozinho. Para fazer música precisamos do companheiro como diz o canto:

Me ajude companheiro,
que eu não posso cantar só.
Eu posso cantar sozinho,
mas com você canto melhor.
(Batuque mineiro)¹⁴

Esse canto de abertura das rodas de jogar verso, a partir do qual é acompanhado do movimento, é um chamamento, que nos convida e nos leva para a dimensão do fazer musical associado à dança, como um exercício de criação coletiva. Nesse sentido, aprender música no contexto afrodiáspórico não se reduz apenas a saber reproduzir uma forma musical, um ritmo ou decorar um verso de uma canção. Aprender música é conhecer a cultura na qual se está inserido. É saber expressar os valores, os conhecimentos, as lutas que a sua comunidade está vivendo com o canto, o tambor, a viola, ou *sampler*

51, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/somos-da-terra/>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

¹⁴ Verso de oralidade presente em várias manifestações de batuque mineiro transcrito pelo autor Gil Amâncio.

nos dispositivos eletrônicos. E como se aprende tudo isso? Essa é a pergunta que nós, como professores-artistas, devemos nos fazer. Não é como se ensina, mas como se aprende. É pesquisando essas formas de aprender presentes nas culturas afro-diaspóricas que vamos construir processos formativos que se aproximem e dialoguem com os percursos que acontecem nos terreiros e nos quilombos.

Acreditamos que a música afrodiaspórica seja um caminho para se pensar o texto numa dimensão para além da letra, rerepresentando a escrita a partir da corpografia sonora. Uma escrita performativa que *terreiriza*¹⁵ o conhecimento e as narrativas quilombolas.

ENTRE A LETRA E A TRETA: A ARTE VISUAL COMO TRAMA METODOLÓGICA E TECIDO PERFORMATIVO

Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.
Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo
Não queimarão a ancestralidade.
(Nego Bispo)¹⁶

Ao abordarmos os saberes da *letra* e da *treta* são evidenciadas estratégias necessárias no processo de socialização em trânsitos diaspóricos

¹⁵ Usamos essa palavra a partir dos conhecimentos mobilizados na produção do artista Gil Amâncio em suas pesquisas no âmbito do *ciberterreiro*. Ver: <https://linktr.ee/Gilamancio> e <https://prezi.com/9oijtppg1par/ciberterreiro/>

¹⁶ Antônio Bispo dos Santos era líder quilombola, filósofo, poeta e escritor do quilombo Saco-curtume em São João do Piauí (PI).

e de reterritorialização¹⁷ de saberes e seus impactos sobre os signos e a sobrevida das significações de valores civilizatórios e suas relações políticas, econômicas e culturais.¹⁸ Porque, mesmo que, as tecnologias de apagamento produzidas nas colonialidades incidam com extrema violência sobre as famílias negras e indígenas, elas reinventam-se na transmissão de saberes. Seja da pessoa em relação à sua comunidade numa performatividade política do cotidiano. Seja na performatividade que opera trânsitos entre micronarrativas familiares e macro narrativas históricas do racismo e da luta antirracista. Assim, os processos das identidades negras em diáspora não são compreendidos como subproduto de África, mas como capacidade de reinvenção¹⁹.

Diante disso, buscamos desafiar a perspectiva hegemônica dos conhecimentos científicos contrapondo técnicas, ofícios e artes, e a operacionalidade entre teorias e práticas produzidas e transmitidas pelas comunidades indígenas e negras em África e na diáspora. Desse modo, propiciamos reflexões através de atividades artísticas que promoveram um debate contra-hegemônico, sustentado pela música, dança, artes visuais que inspiraram professores e professoras a sonhar coletivamente uma escola que promova a justiça social e o reconhecimento das epistemologias kilombolas em relação às ordens instituídas do conhecimento ocidental.

No âmbito das artes visuais, por exemplo, a reflexão sobre as dinâmicas do racismo epistêmico, foi apresentado a partir do projeto

¹⁷ No processo de colonização negros indígenas foram marcados pela perda de relações com seus territórios, numa violência que articula raça, racismo e natureza, sendo que o racismo ambiental nos alerta para as dinâmicas de pertencimento e relações culturais com o espaço vivido, ancestral. Nas diásporas destes povos a reterritorialização significa a retomada de territórios ancestrais e constituição de novos territórios por meio de valores estéticos, políticos, espirituais responsáveis pela noção de lugar desenvolvida numa relação de identidade coletiva com os espaços.

¹⁸ Estas reflexões dialogam com o trecho do poema de Nego Bispo “mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados”. Fazemos daí uma livre interpretação de que as violências sobre os povos indígenas e negros no processo colonial produziu um impacto negativo de apagamento de muitos símbolos portadores de valores civilizatórios dos povos originários das Américas e de Áfricas. Entretanto, muitos significados se sustentaram mesmo que tenham passado a se relacionar com outros signos produzindo novos símbolos responsáveis pela sobrevida das significações em novos códigos.

¹⁹ Ver PAULINO, Rosana. Parede da memória. Disponível em <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em: 03 agosto de 2021.

“Assentamento”(2013)²⁰ da artista, pesquisadora e curadora Rosana Paulino, que acessa arquivos da história do negro em diáspora no Brasil e procura localizar a vida de pessoas pretas em meio a procedimentos colonizadores e desumanizadores da ciência. Para a artista, o termo *assentamento* se refere a:

(...) todos os elementos que permearam nossa fala, culinária, comportamento e, principalmente, boa parte de nossa religiosidade. O que este projeto pretende mostrar, através da execução da instalação, vai além da viagem de transposição feita por aquelas pessoas. A instalação, dividida em três partes, mostra o caminho percorrido (vídeo-imagens do mar), os braços que vieram para o trabalho e, principalmente, o assentamento das bases de uma cultura nova e vibrante. O simbolismo inicial do corpo de uma das mulheres retratadas é ressignificado para se tornar emblema de uma cultura mestiça, cujas bases, firmemente plantadas em solo africano, são muitas vezes subvalorizadas em nossa sociedade. Enaltecer esse corpo, síntese e retrato da cultura brasileira, é reconhecer a contribuição que, ao contrário da premissa de Agassiz, não trouxe decadência, mas sim riqueza e vitalidade, gerando uma cultura pulsante graças à heterogeneidade daqueles que a compõem. (Paulino, 2013, p.4).

A partir da ideia de diáspora e ancestralidade problematizamos em nossos encontros as imagens de uma África mítica, como por exemplo, o tema de “máscaras africanas”, que no plano das visualidades, ganha expressão em diversas “atividades pedagógicas” que articulam artes visuais e “temas africanos.” Sobretudo, onde se expõe uma relação do ocidente com uma certa noção de máscara. Neste sentido, a máscara aparece como estereotipia mítica ou apenas como busca de identidade. Entretanto, o conceito de máscara compreende a vestimenta, a musicalidade e as interações comunitárias. Quando uma máscara se encontra encerrada num espaço museológico tem-se apenas uma parte do fenômeno que aprisiona a compreensão artística e conceitual. Obliterando a noção de autoria, modos de produção e exibição. Buscamos discutir a tensão sobre a ideia restritiva de máscara pensando nos contextos que forjam os conceitos não ocidentais tangentes ao corpo, a

²⁰ Para mais detalhes e imagens ver: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/pdf-educativo-assentamento/>. In: <https://www.rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 21/05/2021.

brincadeira, a identidade, a dimensão do sagrado e do profano. O conceito de máscara pode ser entendido no nosso contexto cultural quando olhamos, por exemplo, os círculos festivos do *Boi*, a figura do Palhaço na Folia de Reis... A máscara entendida como teatralidade manifesta em formas de ordenar o mundo (ritos de passagem, favorecimento a um ancestral feminino ou masculino, ciclos de colheita).

Outra reflexão possível, sobre a noção de máscara como signo no contexto das leituras da psicanálise e psicologia social referentes a identidade negra, configura-se numa relação de assimetria onde se desvela numa narrativa colonial sinalizada pelo psiquiatra e filósofo pan-africanista martinicano Frantz Omar Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (1952). Fanon expõe as tensas relações na construção das identidades negras e brancas em micro e macro narrativas de poder e as sistêmicas violências históricas. Assim como, os consequentes processos de reparação e restituição para pessoas racializadas sobre outros lugares de escritas e/ou formas de recontar histórias.

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E A RECONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA ESCOLA

A experiência de construção de uma proposta político-pedagógica específica e diferenciada têm sido exercitada, também, pelas mulheres do kilombo de Conceição das Crioulas (Salgueiro - PE). A partir do relato de experiência da equipe docente de Conceição das Crioulas (2014), fomentamos um debate com as/os cursistas, sobre a especificidade do trabalho político a ser desenvolvido por professoras/es kilombolas. Seja em cargos de gestão. Seja em cargos de docência. Na compreensão da comunidade escolar do kilombo de Conceição das Crioulas, o trabalho das/dos professoras/es kilombolas se faz em consonância com a trajetória e o cotidiano da comunidade, trazendo os modos de cura de si, do outro e da natureza, o tempo da comunidade e seus acontecimentos, o modo de produção econômica. Sendo coerente com o contexto das diferentes identidades ali pertencentes, onde as pessoas ali viventes constroem com o território, os tempos das coisas,

a religiosidade, o trato e feitio do cuidado nas relações interespecies. Um projeto pedagógico que recoloca a educação dentro da complexidade das relações dos tempos das dinâmicas culturais, econômicas, simbólicas do território kilombola.

Nessa proposta de gestão pautada no território, em certa época, a Secretaria de Educação recusou-se a aceitar a exigência feita por Conceição das Crioulas de não haver aulas no mês de agosto, quando ocorre a festa tradicional de fundamento ancestral do kilombo. Este conflito dá-se pelas diferentes propostas de entendimento entre educação e temporalidades, entre a visão homogeneizante do Estado e a vivência escolar kilombola e suas especificidades. Revelam-se assim, os artifícios burocráticos utilizados pelo sistema de ensino para estereotipar e criminalizar o trabalho político-pedagógico de escolas comprometidas com o território kilombola.

Estas oposições entre calendários: um burocrático e institucional e outro vivido pela comunidade contrapõe noções de tempos de aprender. Quanto tempo se leva para aprender? Como esta dinâmica temporal ligada à vida atua entre o dormir e o acordar? Como compreender o tempo de aprender em conexão com o tempo do plantio? O tempo do crescimento vegetal também é partilhado pela nossa espécie nas dinâmicas de aprender mobilizando cognições como memória e invenção? Assim como precisamos de dormir para crescer, o conhecimento também precisa dormir para despertar outras conexões.

A experiência pedagógica de Conceição nos mobilizou tanto na reflexão sobre o tempo, bem como, os espaços de aprendizagem, sobre as configurações arquitetônicas do espaço da escola, consideramos que uma proposta de educação escolar kilombola no limite funda e recria outras relações com os espaços, como salas de aula, biblioteca, oficinas, cozinha, pátio, quadra, corredores, áreas verdes.

Isto porque o aprendizado pode se dar por meio da construção do próprio aprendizado, colocando as/os estudantes em contato com diferentes situações práticas: em trabalhos colaborativos em pequenos grupos de

estudantes independentes, em grupos supervisionados por docentes, por meio de instrução individual (estudante – professor), por meio de estudo independente, por meio de rodas de conversa com professoras/es, mestras/es de ofício e saber, ou especialistas convidadas/dos ocupando uma arena ou um espaço embaixo de uma árvore.

Compreendemos, ainda, na produção de um pensamento confluyente a uma pedagogia da convivência, um ensino baseado em projetos temáticos partindo de diferentes estratégias metodológicas, como: aprendizado com base em tecnologia móvel de acesso a informação, ensino através da instrução por seminários, aprendizado em espaços da comunidade - na associação comunitária, nos diálogos institucionais com poder público, aprendizado através da natureza, aprendizado social e emocional, ensino baseado em artes, ensino através da prática da oralidade enquanto instituição africana e tecnologia de organização, a partir de uma perspectiva filosófica e tecnológica afrocentrada.

SER PROFESSORA/OR ARTISTA: UMA PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA

Apresentamos que as artes visuais, música, teatro e dança compõem campos do conhecimento com o objetivo de desconstruir um lugar da Arte apenas como uma atividade “lúdica” e de função decorativa, em apresentação nas “datas comemorativas.” Por outro lado, propusemos também o brincar como uma cultura, como uma forma da criança/pessoa se relacionar com o mundo, aprender e se expressar. Bem como, a compreensão de que a festa é um espaço e um tempo que performa conhecimentos comunitários, articulando identidades, memórias, territórios e sobrevida de significações.

Propusemos uma reflexão e um exercício de uma arte conectada à vida, a construção de uma maneira de ver e habitar o mundo. Uma arte que se conecta aos modos de cuidar de si, do outro e do lugar comum. Para contribuir no debate, trazemos as palavras do pesquisador, escritor, compositor e cantor

Nei Lopes, expressas no *KITABU: o livro do saber e do espírito negro-africano* (2005):

13. A arte deve estar intimamente ligada à vida social da comunidade para ensinar como se manifestam as forças superiores das correntes cósmicas. Contudo, não para domesticá-las e dominá-las. E sim para se adequar ao seu ritmo de ação, identificando-se com elas pela palavra, pelo gesto, pela música, pelo canto, pela dança e pela escultura.

14. Mas a arte não é somente isso: ela é vida. É consciência de si e dos outros; é participação nos movimentos das forças do Universo.

19. A arte é uma necessidade e através dela o ser humano restabelece o equilíbrio das forças que lhe são inerentes com os fenômenos exteriores à sua própria natureza. (Lopes, Nei. *Kitabu*, p. 33, 2005)

A vida é o princípio da arte. Para as culturas africanas e afrodiáspóricas a Arte é a Vida, e não um objeto estético para mera contemplação. As formas de ser e conviver afrodiáspóricas e indígenas se constituem enquanto racionalidades, ciências, artes que integram polaridades e desmistificam binarismos. A pesquisa e a divulgação de conhecimentos e informações para além da perspectiva ocidental é um direito democrático educacional estabelecido pela LDBN 9394/1996- a carta magna da Educação nacional.²¹

De acordo com o filósofo, pesquisador e professor adjunto da Faculdade de Educação da UFBA Eduardo Oliveira em sua tese *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira* defendida pela Universidade Federal do Ceará (2005), o corpo (...) *é uma potência para qualquer ato. O corpo é a base para qualquer atitude. O corpo é mais que uma memória. Ele é uma trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. A cultura dá movimento mesmo aos corpos inertes.* (Oliveira, 2005, p.131)

No momento de feitura dessa comunicação vivemos um contexto de colapso mundial, em decorrência da sobreposição de pandemias sanitárias, sociais, políticas, econômicas e educacionais que se somaram aos efeitos trágicos da Covid-19 e do Coronavírus. Nesse sentido, observamos o quão

²¹ As leis 10639/2003 e 11645/2008 alteraram o art. 26A da LDBN. Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm e http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

urgente e fortalecedor se torna nossa prática e abordagem educacional para o cotidiano marcado por perdas, restrições, medos e incertezas. Então, o que é a música e a dança de matriz africana para nossa sobrevivência? Nossas vestimentas, objetos e utensílios, nossas arquiteturas e cerimônias? Como afastar/ressignificar a morte e seus rituais afrodiáspóricos nesse contexto?

A estética não é decorativa, ela expande a consciência sobre a complexidade da dança para os Congados, da especialidade e funcionalidade de cada toque e feitura de tambor. Vissungos, enquanto música ancestral preta dessas terras mineiras, criadas para cura e transformação, nos ajudam a lidar com o medo da Morte. A Música afasta a Morte. Ibejis, em certas narrativas yorubanas, afastaram a morte da sua aldeia tocando tambor para ela dançar até cansar e ir embora. O povo bantu em terras brasileiras, organizando-se pelo samba, também aprendeu a enganar a morte, a partir do ritual conhecido como Gurufim. Para este povo, quando morre alguém, a depender do clima da despedida, a morte leva o morto e mais três. Então, para evitar esse infortúnio, faz-se uma festa, para embalar a morte e ela só levar o morto e não os outros. Nossa concepção de arte parte dessas linhas poéticas dessas histórias de vida ancestrais. Poéticas para autocriação e afastamento da morte.

SEMENTES AFRO-DIASPÓRICAS...

Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer.
(Conceição Evaristo)

As artes, as experiências e resistências afroindígenas-diaspóricas e contracoloniais no Brasil são complexas e dinâmicas. É movimento! Começo, meio e começo; Transmigrações; Tambor. A voz do tambor. As frequências curativas em projeções fisiológicas do tambor.²² O tambor é a comunicação entre seres humanos e demais seres vivos visíveis e invisíveis passíveis de

²² Nesse mote, ver sobre violência tonal praticado pela Europa e o seu processo de empreitada colonial sobre outras civilizações, um estudo de Kofi Agawu no campo da literatura musical: https://www.youtube.com/watch?v=z_sFVFsENMg

humanidade e encantamento.²³ É também a percepção do som para além da relação com o ouvido.

A voz é uma frequência que entranha a partir de uma escuta com todo corpo. É um sofisticado arcabouço ancestral de fórmulas rítmicas que são tratativas do desenvolvimento humano e estão presentes nas geometrias e matemáticas, nas gramáticas, sintaxes e versos, nos movimentos da fala e do corpo. Na fabricação de objetos, louças, cestaria, tecelagem, brinquedos, vestimentas, ferramentas, instrumentos musicais, arquitetura, na fala e na Música e noutras tecnologias.²⁴ Um quintal, um Opelè de Ifá, uma cozinha de matriarcas tudo isso são desenhos rítmicos aprimorados em milênios de pesquisa, observação, experimentação e criação feitos pela ancestralidade africana.²⁵

Diante as perdas e desarticulações impostas pela colonização europeia e suas consequências nas instituições escolares, nossa reflexão partiu nesse ponto da espiral: o que as comunidades têm a compartilhar conosco e como o nosso conhecimento dialoga com essas práticas? Como fazer a confluência desses conhecimentos? Afinal, por que a imagem é importante? É certo que ao longo de nossas vidas recebemos inúmeras imagens, porém, nem todas conseguimos codificar ou decodificar seus significados de pronto. Buscamos pelo gesto, pelo verbo, pelo som, pela rima, pelo riso, pelo assombro, pelo ritmo, pela cor e suas harmonias, apontar e andar por caminhos de decodificação atenta e assertiva. Como nos diz a ativista, médica e pesquisadora Jurema Werneck: *Nossos passos vêm de longe*. (Jurema Werneck, 2010) Assim como, o rapper Rincon Sapiência evoca em sua poética *os pretos são a chave*.²⁶ Nós

²³ Sobre isso ver o filme *Alma de Cowboy* (2020). Para mais informações pode-se acessar o seguinte endereço eletrônico: https://pt.wikipedia.org/wiki/Concrete_Cowboy

²⁴ Sobre ver o estudo em desenvolvimento realizado por Gil Amâncio de um aplicativo para música, denominado Polymatic. Esse aplicativo tem como objetivo propiciar uma educação musical a partir do pensamento africano e afrodiáspórico de aprender música. Nele a notação musical circular possibilita uma visualidade e o contato com o tempo espiralar na construção dos padrões rítmicos mínimos presentes nas músicas afrodiáspóricas. Esse modo de aprender e fazer música é uma conversa entre as artes visuais, a matemática geométrica e a música. Disponível em: <https://polymatic.ciberterreiro.org>

²⁵ Ver MACHADO, 2019.

²⁶ verso da canção "Ponta de lança" do álbum *Galanga livre* 2017.

continuamos pelo caminho na perseverança dos Mais Velhos (Bakongos, Keméticos/Egípcios, Yorubás...) que, ao nos ofertar imagens/sabedorias/ensinamentos, semeiam também a confiança na capacidade da Vida e também nos ensinam a abrir a chave daquela imagem-legado.

Dependendo do jeito que se olha para história da diáspora africana em imagens dispersas, parece que é um tanto de fragmento, um vaso quebrado. Mas se entendermos que elas não são fragmentos, e sim que uma imagem por si mesma é um cosmos, um mundo, veremos que são vibrações, uma coisa vibra com a outra. A imagem que é/está em uma pessoa/comunidade vibra com outra imagem de outra pessoa/comunidade. Faz parte do nosso processo conseguir reconstruir aquela grandeza daquele passado humano e espiritual, que a colonização insiste em dizer que não existiu em África. A reconstrução se realiza pela força da imagem.

Além disso, o teórico e agricultor kilombola Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, tem grandes contribuições para o exercício da observação e compreensão da realidade afroindígena-diaspórica e contracolonial, sendo este último termo, trazido por ele num exercício de tradução da performance/oralidade das comunidades para a escrita: *buscar pensar de forma poli*. Assim sendo, uma estratégia de se esquivar das armadilhas da visão dicotômica do mundo ocidental. Afinal, as coisas se alternam, não são apenas duas. Assim é possível respirar dentro desse campo, transitar com mais tranquilidade, dar a volta ao mundo. O movimento da Capoeira. As reflexões reverberadas pelo historiador, pesquisador e professor Luiz Antônio Simas lembra-nos que existem duas diásporas em curso-atualização: uma é aquela do Colonizador - Violência - Dicotomia – Eliminação. E, a outra, exercida pelos povos afrodiáspóricos, que é o da Reconstrução, do Refazimento, da Criação de outros caminhos, da Alternância e Coexistência. Isso nos desloca da viagem dos tumbeiros que foi terrível, para o refazimento de humanidades e suas tecnologias para o cultivo e existência de uma Modernidade

Afrodiaspórica, podemos citar: a Jurema, a Capoeira, o Candomblé, o Samba.. Cria-se, então, algo totalmente novo, com outros vínculos de existências.

Nossos gestos também têm impacto na comunidade, pois cada um/uma tem uma missão na comunidade. Como dizia o Sr. Neí da comunidade de Fidelão e Lagoa do tanque, na cidade de Capoeiras em Pernambuco:

Todo mundo tem uma missão bonita, quando você morreu é porque sua missão foi cumprida.

Nossa missão linda é sermos criadores através da arte. Certo dia, disse, a divindade maior do povo Bambara, Mangala:

Cante e dançe para criar o mundo!

É isso que fazemos na diáspora, cantamos, dançamos para recriar o mundo e a nós mesmos, para sermos o que quisermos não o que Eles, os colonialistas, queriam que nós fossemos: objeto. Uma forma de mercadoria ao longo da história. É através do canto, da música, da dança que a gente se refaz, se reestrutura, se torna humano de novo com força para viver. Assim, dizia D. Julia, da comunidade de Fidelão e Lagoa do tanque, na cidade de Capoeiras em Pernambuco, sobre um milho que ganhou de seu filho, num diálogo com o seu neto Wagner, dias antes de seu falecimento:²⁷

– ...É o milho que seu pai trouxe de Pernambuco. Trouxe uns caroços, mas tava todo bichado... E no bichado eu ainda consegui nascer uns pézinhos.

(...)

– Ele disse que é de 4 mês, meu filho. Mas, consegui! Agora, eu fui besta, plantei um pouco, o sol pegou eu parei.

– É agora que começou...

– E tá botando boneca! Viu como ele tá aumentando?

– Isso! Então, a senhora vai ter em janeiro?

– É pode ser! Janeiro pra fevereiro. Mas, é tudo espiguinho... Cabelinho vermelho... Mas, eu vou conseguir!

– Finalzinho de janeiro?

– Ele disse que o Manel falou que é de 4 mês, o daqui é 6 mês. Agora eu misturei. Plantei do milho daqui e plantei do milho de lá. Mas eu vou tirar... Toma um cafezinho, filho! Eu fiz ainda agora...

²⁷ Ver: <https://labcult.eci.ufmg.br/epistemologiacomunitaria/index.php/wagner-leite-viana/>. In: <https://www.youtube.com/watch?v=R-BzAsbaThw>. Acesso em: 21/05/2021.

E, é assim, também, que compreendemos as trajetórias das vidas em nossa missão, por mais que os processos resultantes das colonialidades e branquitudes, se tornem um tipo de deteriorização sobre nossas sementes, um pé de umbu, será sempre um umbuzeiro, seja ele plantado onde for, nas serras de Capoeiras em Pernambuco ou qualquer outro pedaço de chão. Juntar o daqui com o de lá, é uma epistemologia de reterritorialização, sempre para ver o que germina. Como comunidades fomos coletando variedades de sementes de “milho”, ao longo dessa travessia chamada diáspora afroindígena. Sempre confiantes que germinaria, mesmo nas intempéries. E, seguindo os ensinamentos das tecnologias de nossos ancestrais, vamos fazendo o discernimento sobre cada gesto deste processo tecnológico. Passando na peneira do entendimento e nos moinhos de pedra do juízo para tirar xerém, fubá, fûba (...) para adoçar com rapadura e alimentar nossas potencialidades imaginativas e criadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M.; GÓMEZ, J. R. M. A territorialização do racismo ambiental em comunidades quilombolas do município de Seabra - Bahia. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 14, n. Ed. Especi, p. 95–120, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1330>. Acesso em: 4 jun. 2024.

CHIZIANE, Paulina. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o novo testamento**. Nandyala, Belo Horizonte. 2018.

CHIZIANE, Paulina. [Testemunho] eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**. V. 5, n. 10 (2013). In: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/114/73>. Acesso em 11-04-2018

CRIOULAS, Conceição das. **Arte das escolas de Conceição das crioulas**. Video 24 min.

CRIOULAS VÍDEO, **Movimento Intercultural Identidades, FBAUP- Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e URCA- Universidade Regional do Cariri**. Maio de 2014.

DELIBERADOR, Marcella S.; MOREIRA, Daniel de Carvalho e KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **O programa arquitetônico no processo de projeto**: discutindo a arquitetura escolar, respeitando o olhar do usuário. <www.dkowaltowski.net/wp-content/.../07/O-programa-arquitetonico-SBQP-2012.pdf>

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces, organizado por Marcos Antônio Alexandre. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Ubu Editora. 2020

HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005**. In: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso em 11-04-2018.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. In: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em 11-04-2018

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Palestra-performance apresentada a convite do Goethe-Institut São Paulo, na 3ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITSP) no Centro Cultural São Paulo no primeiro semestre de 2016.

LOPES, Nei. Kitábu. **O livro do saber e do espírito negro-africanos**. Rio de Janeiro. Editora Senac Rio, 2005.

MACHADO, Adilbênia Freire. ODUS: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. Voluntas: **Revista Internacional de Filosofia**. Santa Maria, v.10, p. 3-25. 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória (jun. 2003)–Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. In: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em 11-04-2018.

MARTINS, Leda Maria. **Palestra de Leda Martins no Copene Regional Sudeste UFMG - sobre Literatura e Oralidade**, 2018.

MORRYSON, Tony. **Amada**. Companhia das Letras. São Paulo. 2007.

MUIANDÊ, Mameto e KIDOIALE, Makota. MANZO NGUNZO KAIANGO, **Manzo**: ventos fortes de um Kilombo. UFMG, 2017.

OLIVEIRA, Alan dos Santos. **O cavalo da palavra**: o uso de provérbios no Candomblé e na Capoeira da tradição à contemporaneidade. Acesso em 11-04-2018 <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/516/280>>

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira- UFC. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do

Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.
Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>

PAULINO, Rosana. **Parede da memória**. Tecido, microfibras, xerox, linha de algodão e aquarela. 8,0 x 8,0 x 3,0 cm cada elemento - 1994/2015. <<http://www.rosanapaulino.com.br/>>

PAULINO, Rosana. **Assentamento**. Vídeo, madeira, paper clay, impressão digital sobre tecido, linóleo e costura. Dimensão variável - 2013.
<<http://www.rosanapaulino.com.br/>>

RUI, Manuel. **Eu e o outro- o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto**. São Paulo: 1985. In:
<http://oraliturafro.blogspot.com.br/2010/02/manuel-ruie-e-o-outro-o-invasor-ou-em.html>. Acesso em 11-04-2018 .

SANTIAGO, Lilian Solá. **Eu tenho a palavra**. Vídeo. 26 mim. 2009.
<https://www.youtube.com/watch?v=qUwi3YM78NQ>

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações** (UnB/INCTI, 2015)

SAPIÊNCIA, Rincon. **Galanga Livre**. Boia Fria produções. 2017

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de conceição das crioulas**. 2012
Dissertação:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12533/1/2012_GivaniaMariadaSilva.pdf

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2019.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. **As mulheres, a comunidade de Conceição e suas Lutas: histórias escritas no feminino**. Dissertação.
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2333/1/2006_MariaAparecidadeOliveiraSouza.pdf

VIANA, Wagner Leite. **Tipotreta letra: sobre arapucas, pesquisa, mukambus ou suportes**. 2015. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
doi:10.11606/T.27.2016.tde-21102016-094218. Acesso em: 2018-11-19.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard, THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 33, jun/2011, p. 7-47.

Recebido em: XXXXXXXX

Aprovado em: XXXXXXXX